

# A CONTRIBUIÇÃO DA ANÁLISE LITERÁRIA DA NARRATIVA PARA A LEITURA DOS EVANGE- LHOS SINÓTICOS

*The contribution of narrative literary analysis for the  
reading of the synoptic gospels*

Sidney de Moraes Sanches<sup>1</sup>

## RESUMO

Esse artigo tem por objetivos: introduzir aos conceitos iniciais da análise literária da narrativa a fim de aplicá-la à leitura dos Evangelhos sinóticos, considerando-os como uma composição narrativa. Mais que isso, o propósito é argumentar acerca do método exegético de análise da narrativa como importante e necessário à leitura dos Evangelhos sinóticos.

**Palavras-chaves:** Narrativa; evangelhos sinóticos; exegese; análise da narrativa.

## ABSTRACT

This article has as objectives: introducing the initial concepts of the narrative literary analysis in order to apply it to the reading of the synoptic Gospels, considering them as a narrative composition. More than this, the purpose is to argue about the exegetical methods of narrative analysis as important and necessary for the reading of the synoptic Gospels.

---

<sup>1</sup> Doutor em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Professor na Faculdade Nazarena do Brasil, onde é Diretor Acadêmico e Coordenador do Bacharelado em Teologia.

**Keywords:** Narrative; synoptic gospels; exegeses; analysis of narrative.

## INTRODUÇÃO

Nesse artigo busca-se uma aproximação preliminar à análise literária da narrativa aplicada aos Evangelhos sinóticos. O interesse fundamental está na definição de seus conceitos iniciais pertinentes ao gênero literário que chamamos: *narrativa*. Depois, estudaremos a narrativa como o gênero literário dominante nos Evangelhos Sinóticos e entender porque essa análise deve ser privilegiada na leitura dos mesmos. A expectativa, ao fim, é o convencimento da importância e necessidade da análise literária da narrativa para a leitura dos Evangelhos sinóticos e a sugestão de capacitação para esta tarefa.

### 1 QUAIS SÃO OS CONCEITOS DEFINIDORES DO GÊNERO NARRATIVO?

A narrativa é um gênero literário. O que quer dizer isso? Bem, as obras literárias são agrupadas em famílias: o gênero, que reúne as mesmas características: literário. Existem duas famílias principais: o lírico e o narrativo.

O gênero narrativo trabalha com o desenvolvimento de uma história ao longo de um determinado tempo e espaço. E isso é algo importante e necessário de se ter em mente. Deve-se diferenciar uma narrativa de uma descrição, na qual simplesmente se nomeiam objetos e personagens presentes em uma história. E, também, da representação ou relato de acontecimentos sem nenhuma ligação ou conexão causal entre eles, isto é, somente são mencionados.

Comumente, uma narrativa lida com uma mistura de personagens e objetos que se vinculam uns aos outros por acontecimentos que se desen-

volvem ao longo de certo período de tempo e que, necessariamente, conduzem a um fim, uma consumação. É o famoso *the end* no final da história. Por exemplo: dizer que Júlio e Maria se conheceram no shopping não é uma narrativa. Mas, dizer que ao se conhecerem no shopping iniciaram um namoro que resultou em um casamento que constituiu uma família é uma narrativa.

Outro conceito fundamental da narrativa é o ato de narrar: a *narração*. Esta envolve o modo como alguém: o narrador, conta a história a outro alguém, de modo que a narrativa se desenvolve de acordo com a intenção e propósito desse narrador. Nesse caso, o ato de narrar envolve um discurso, uma maneira de controlar os fatos e os tempos, de relacionar objetos e pessoas, de envolver a memória e a experiência, de determinar o espaço no qual a vida das pessoas adquire importância.

E, aqui, devemos gastar um pouco mais de tempo. Recorrendo ao estudo efetuado pelo filósofo alemão Walter Benjamin, que analisou o espaço cedido à narrativa no mundo moderno, pode-se dizer que a arte de narrar foi desvalorizada devido à dificuldade das pessoas se encontrarem para a troca de experiências comuns.<sup>2</sup>

Conforme ele, a experiência passada de pessoa a pessoa é a fonte de toda e qualquer narração. Entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas por inúmeros narradores anônimos. De fato, o ser humano que anda pelo mundo é a fonte principal para narrativas. É o narrador ideal.

Além disso, ele é o portador de um senso prático, pois a verdadeira narrativa tem sempre uma função utilitária: ensinamento moral,

---

<sup>2</sup> BENJAMIN, Walter. O Narrador. In: *Obras Escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 197-221.

sugestão prática, provérbio, norma de vida. Na verdade, o narrador é um conselheiro, usando a sua experiência para orientar a experiência de outro. Ele é um sábio e um artista que transmite sua sabedoria por meio das histórias que conta.

Contudo, o surgimento do romance escrito marcou a decadência da narrativa. O fascínio pela experiência oralmente transmitida em uma coletividade foi substituído pelo ato isolado de ler uma história escrita por um indivíduo para outro.

O surgimento da imprensa também acentuou o fim do interesse pela narrativa, pois ela veicula informações de eventos, próximos ou distantes, dando a própria explicação, diluindo o impacto da história.

Para Benjamin, a verdadeira narrativa é aquela que é capaz de manter o seu assombro mesmo depois de muitas vezes contada. Para isso, ela deve ser burilada ao longo do tempo, explorada em suas diversas possibilidades, aproveitada em seus muitos usos. Todavia, as pessoas modernas não dispõem de tempo para ouvir uma história, pois são presas do tempo que passa muito rapidamente.

Um quarto problema para que as pessoas desistam das narrativas, modernamente, é a ciência histórica. O historiador dá explicações. O narrador se liberta das explicações, preocupado somente em narrar o tempo que vive. O narrador, e quem o lê, está em busca da moral da história, em olhar para adiante dela, enquanto que o historiador está interessado no fim da história, em conservar o que foi narrado.

Benjamin resume sua imagem do narrador como aquela pessoa que tira das raízes da sua vida e da vida de quem o ouve as narrativas que irá contar, e manifesta em suas histórias o acervo de experiências vividas. O narrador é o artesão que tira das coisas inanimadas e mais baixas, as

mais elevadas intuições acerca da vida, e as transmite a quem o queira ouvir, à maneira de um sábio.

Ainda que Benjamin tenha bastante razão, não se deve concordar por inteiro com a afirmação de que a narrativa esteja esquecida, morta e desaparecida da vida das pessoas nos dias de hoje. Segundo a Profa. Adriana Fernandes, que estudou esse texto de Benjamin, a narrativa:

[...] se mesclou aos diversos meios de comunicação, através dos quais é continuamente re-trabalhada. Seu caráter artesanal e o apelo coletivo foi que desapareceu, sendo um dos muitos outros meios de difusão do conhecimento. Ainda que deixou de ser a referência do ser humano atual, ela ultrapassa o tempo por seu poder de retomar os valores esquecidos da humanidade.<sup>3</sup>

É preciso, então, repensar esse lugar que a narrativa ocupa em tempos pós-modernos. Na verdade, tudo pode contar ou conter uma narrativa. Um evento, um objeto, uma lembrança, um encontro, um lugar, uma cena, podemos dizer que todo artefato cultural é propício à existência da narrativa. Isto quer dizer que qualquer pessoa, desde que observadora do seu cotidiano, se candidata a ser excelente contadora de histórias.

A narrativa mescla as suas características próprias a de outros textos e discursos. Ela pode estar presente em um jornal ou revista semanal, em uma história em quadrinhos, em um filme, em um videogame, em uma propaganda, em um discurso, em um argumento científico, em uma música, em um videoclipe, e assim por diante. Isto quer dizer que não se deve procurar a narrativa apenas em sua forma pura, mas compondo a tessitura de muitos outros textos e discursos humanos.

---

<sup>3</sup> FERNANDES, Adriana H. A narrativa no pensamento de Walter Benjamin. In: *Cultura vozes*, vol. 3 2003, p. 5-14.

A narrativa é mesmo usada, nos dias atuais, como recurso para se adquirir o conhecimento acerca de alguma coisa e do sentido que a pessoa humana dá à sua experiência no mundo em que vive. Pense em quantas coisas aprendemos por meio das histórias! É evidente que existe uma sabedoria a adquirir na vida, para a qual o conhecimento científico tal como é conhecido, tradicionalmente, oferece muito pouca possibilidade.

E é igualmente claro que o empreendimento humano vai além de se ter as informações adequadas acerca do mundo no qual vivemos, é preciso aprender como viver nele. Pode-se dizer que isso também é um empreendimento científico. Então, pode-se falar de uma racionalidade narrativa, na qual as histórias preenchem uma lacuna no modo como os seres humanos, atualmente, abordam a realidade e que ajuda a compreendê-la melhor.

Realmente, quando o cientista quer popularizar a teoria científica, algo sempre abstrato, ele recorre a uma narrativa para fazê-lo. E, também, nenhuma teoria existe sem uma tessitura, um contexto histórico, que é mais facilmente acessível por meio de uma narrativa. Pense em como a teoria da gravidade seria mais complicada do que é caso não houvesse a famosa história da maçã que caiu sobre a cabeça do sujeito que descansava debaixo da macieira e que o fez despertar para o evento?

É verdade que o método científico não é narrativo, pois se trata de uma reprodução do evento da natureza para descobrir as suas causas e consequências, também chamado: *experimentação*. Mas, fatalmente, o cientista deve retornar ao mundo de onde tirou as intuições para seus experimentos. E, ao retornar a ele, o que ele vai encontrar? A experiência humana da qual tirou suas ideias constituídas na forma

de narrativas. Portanto, elas estão no começo e no fim de suas abstrações, sendo que estas são apenas outro modo de descrever a realidade, não o único nem o mais perfeito.

Pode-se, então, dizer que o ato de narrar e o seu resultado, a narrativa, é mais que um gênero literário, e deve ser considerado em sua penetração multiforme nas culturas e sociedades humanas. Portanto, grande esforço deveria ser empregado no aprendizado de como reconhecê-las e sobre a melhor maneira de estudá-las a fim de aprender com elas.

## 2 O QUE É A ANÁLISE DE UMA NARRATIVA?

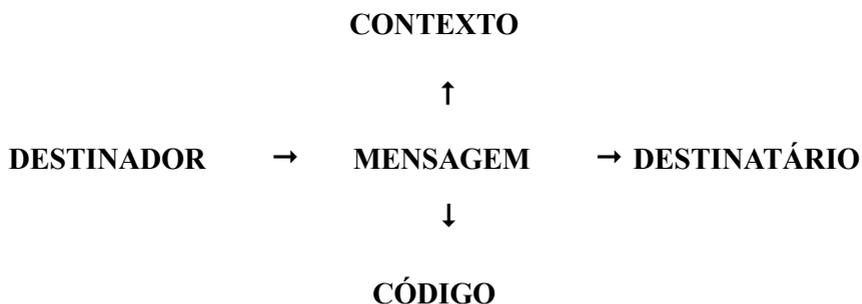
A análise de uma narrativa é um tipo de leitura que explora uma arte tão velha quanto o mundo: a arte de narrar. Como toda manufatura humana, busca-se decompor a narrativa para perceber como foi composta. A narrativa continua a mesma, mas ao fazermos a sua análise, aprendemos mais sobre ela e, assim, somos esclarecidos a seu respeito e passamos a conhecê-la melhor.

Existem duas maneiras de se propor a análise de uma narrativa. Uma, é retirando os seus elementos permanentes, comumente de natureza gramatical e linguística, organiza-los de forma lógica e estabelecer a sua estrutura. Esse é o modo chamado *estruturalismo*.

A outra maneira é mantendo todos os elementos da narrativa, estabelecer as relações existentes entre eles, por exemplo: uma personagem com as situações nas quais aparece, a fim de estabelecer como se concretiza nela a narratividade, isto é, a realização da história ou do enredo. Esse é o modo chamado *literário*.

A esta análise deve-se somar a intuição fundamental acerca da narrativa: ela é composta tendo em vista exercer um efeito sobre quem a ouve ou lê. Claro que ela não é um discurso que interpela diretamente o ouvinte. Isto ela o faz indiretamente, quando a história é narrada de certo jeito. Descobrir esse *certo jeito* é também a tarefa da análise.

Assim, a análise de uma narrativa deve também estudá-la sob a forma de como funciona a comunicação verbal. O pensador russo Roman Jakobson estudou esse funcionamento e o descreveu nos seguintes termos:<sup>4</sup>



Toda comunicação verbal, diz Jakobson, consiste no envio de uma *mensagem* da parte de um *destinador* a um *destinatário*. Além disso, toda mensagem comporta duas fases: o *contexto* e o *código*.

Um exemplo é a mensagem: “a maçã é vermelha”.



O *contexto* é o *mundo de representação* ao qual ela reenvia. O *destinatário*, para entender a *mensagem*, deve saber o que é uma maçã e o que é a cor vermelha. Estudar a qual realidade o texto se refere é estudara sua *função referencial*. Porém, a mensagem reenvia mais além, a um *código linguístico*: o destinatário

<sup>4</sup> MARGUERAT, Daniel; BOURQUIN, Yvan. *Para ler as narrativas bíblicas*. São Paulo: Loyola, 2009. p. 14-15.

deve saber diferenciar o fonema *maçã* do fonema *maça* e do fonema *taça*. Em resumo, toda mensagem precisa, para ser recebida adequadamente, de um acordo do destinatário e do destinador sobre a realidade representada e sobre o código linguístico utilizado.

A análise da narrativa se situa tanto no eixo vertical, de caráter histórico-linguístico, como no eixo horizontal, o eixo da comunicação. Sua pergunta é: como o autor comunica sua narrativa ao leitor? Qual a estratégia pela qual o autor organiza e transmite o sentido da narrativa ao leitor? O estudo se baseia sobre a organização da narrativa que permite que ela produza sobre o leitor o efeito pretendido pelo autor.

Logo, a análise se concentra sobre a recepção da narrativa pelo seu leitor, procurando pelo efeito da narrativa sobre ele e o modo pelo qual ele coopera para a compreensão do sentido.

Podemos chamar essa abordagem de *pragmática*. Este tipo de orientação busca pelo agir do texto sobre a recepção do leitor. Ele se utiliza de instrumentos adequados para perceber no texto esses traços pragmáticos, isto é, as instruções de interpretação que sugerem ao leitor como a narrativa deve ser recebida.

Isso significa que deve se prestar atenção não somente na história, mas também na forma como a história é contada. A história narrada constitui assim o filme dos acontecimentos tal qual o narrador decidiu comunicar ao leitor. O modo de contar uma história depende de mais de um fator: criatividade do narrador, convenções sociais, ideologia do meio ambiente, sistema de valores do grupo social, etc.

Compare 2 Samuel 24:1 e 1 Crônicas 21:1. A confrontação das duas narrativas demonstra o interesse teológico que faz a distinção entre a história narrada e o modo de contar a história. Aqui, não se trata apenas de mudança de características literárias, mas também de endossar uma estrutura teológica conveniente ao narrador.

Desse modo, vamos estudar a narrativa desde a sua organização literária, analisando como os seus diversos componentes contribuem para constituir o que chamamos de história. E, também, vamos estudá-la desde o seu efeito comunicativo, analisando que orientação está presente na maneira como a história é contada para outra pessoa, a sua estratégia de comunicação.

### 3 OS EVANGELHOS SINÓTICOS COMO COMPOSIÇÃO NARRATIVA

A narração é o principal meio de comunicação do Cristianismo, sendo este, em sua origem uma sociedade ou comunidade de narração, na qual Jesus contava histórias aos seus discípulos ouvintes que as reproduziam adiante até que elas chegaram a nossos dias, num tipo de cadeia narrativa cumulativa.<sup>5</sup>

De acordo com José Alemany, essa *cadeia* pode ser descrita da seguinte forma:<sup>6</sup>

1. Por meio da narrativa se comunica uma experiência que é reproduzida na medida em que ela é narrada a outros;

2. A narrativa vincula as experiências formando grupos ao redor da mesma narrativa original;

3. A narrativa se torna um depósito de experiências que podem ser transmitidas a outros;

4. A narrativa oferece exemplos de ação que propõem modos de agir, de forma direta, não reflexiva, uma resposta imediata para situações concretas.

---

<sup>5</sup> WEINRICH, Harald. Teologia narrativa. In: *Concilium* 85, 1975, p. 569-592.

<sup>6</sup> ALEMANY, José J. Narrar la fé. In: *Razón y fé*, 205, 1985, p. 601-607.

Esse modo de compreender os Evangelhos sinóticos como uma composição narrativa pode ser entendida desde o quadro abaixo:

<b>O Acontecimento</b>	<b>A(s) Comunidade(s)</b>	<b>Os autores e leitores</b>
Narrativa	Pré-texto narrativo	Texto e discurso narrativo

Na origem dos Evangelhos sinóticos, a escritura como os conhecemos, temos uma série de eventos à semelhança da *cadeia narrativa* da qual Alemany nos falou mais acima. Diferentemente do acontecimento do qual surge a narrativa, da comunidade nasce um pré-texto, um conjunto de tradições, orais e escritas, que reúnem e definem como será a *cadeia narrativa*.

A partir dessas orientações, surgem os autores dos evangelhos e seus respectivos leitores, aqueles que tratam de dar forma fixa, através da escrita, ao pré-texto narrativo visando um público bem mais amplo do que aquele da(s) comunidade(s) local(is).

A narrativa acerca de Jesus segue uma forma fixa que pode ser apresentada conforme abaixo. Desta forma fixa, cada evangelho tratou de elaborar a sua própria composição narrativa consistente com certa estratégia, visível no enredo desenvolvido.



Sendo o primeiro evangelho que temos na forma escrita, Marcos pode ser considerado como responsável pela estratégia narrativa original. Seu enredo ou desenvolvimento do plano narrativo pode ser descrito de diversas maneiras, dependendo do modo como se dá ênfase a cada elemento da narrativa. A soma de todas elas dá bem a ideia da sua composição geral.<sup>7</sup>

O ESPAÇO	O DRAMA	AS PESSOAS
a. Ministério na Galileia transpando as fronteiras (1,14-9,50) b. Subida a Jerusalém (10) c. Em Jerusalém (11,1-16,8)	Introdução (1,1-13) a. Quem é Jesus? (1,14-8,26) b. Jesus se revela (8,27-16,8)	a. Jesus, os discípulos, a multidão, os adversários (1,14-6,6a) b. Desentendimento entre Jesus e seus discípulos (6,6b-10,52) c. Jesus e seus discípulos diante de seus adversários em Jerusalém (11,1-16,8)

Já Mateus, compondo sobre a forma fixada no evangelho marcano, organizou seu material narrativo de modo encaixar as narrativas da infância e dos acontecimentos pós-ressurrecionais de Jesus. Ele também conseguiu integrar os discursos de Jesus em uma totalidade unificada para os quais as narrativas servem de introdução e moldura, de contexto. Isso pode ser observado na seguinte organização do cenário:<sup>8</sup>

<sup>7</sup> DELORME, J. In: AUNEAU, J. *et al. Evangelhos sinóticos e Atos dos apóstolos*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1985. p. 66.

<sup>8</sup> VIELHAUER, Philipp. *História da literatura cristã primitiva*. Santo André: Academia Cristã, 2005. p. 386.

<b>Os Começos 1-4</b>	<b>JESUS NA GALILEIA 5-20</b>	<b>JESUS EM JERUSALÉM 21-27</b>	<b>FIM 28</b>
<p>I. A história da infância (“pré-história”) 1.2</p> <p>II. A preparação 3.4</p>	<p>I. O Sermão do Monte 5-7</p> <p>II. Os grandes feitos de Jesus 8.9</p> <p>III. O discurso do envio 10</p> <p>IV. Jesus e seus adversários 11.12</p> <p>V. As sete parábolas do reino de Deus 13.1-51</p> <p>VI. Jesus em peregrinação 13.54-16.12</p> <p>VII. O caminho para a paixão 16.13-20.34 (Discurso aos discípulos 18)</p>	<p>I. Última atividade 21.22</p> <p>II. Últimos discursos 23-25</p>	<p>III. A paixão 26 e 27</p> <p>IV. Histórias pascais 28</p>

Por fim, Lucas aproveitou a forma fixa marcana para organizar a sua narrativa evangélica de modo a valorizar sua visão de uma direção divina para a ação de Jesus de modo a conduzi-lo da Galileia para Jerusalém, ponto de virada do propósito de Deus para o povo judeu e os povos que não são judeus. Sua estratégia narrativa pode ser observada abaixo:<sup>9</sup>

---

<sup>9</sup> BROWN, Raymond. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 2004. p. 329.

1,1-4	Prólogo
1,5-2,52	Introdução: infância e adolescência de Jesus
3,1-4,13	Preparação para o ministério público
4,14-9,50	Ministério na Galileia
9,51-19,27	Viagem a Jerusalém
19,28-21,38	Ministério em Jerusalém
22,1-23,56	Última ceia, paixão, morte e sepultamento
24,1-53	Aparições do ressuscitado na região de Jerusalém

Desse modo, observa-se como a forma fixa narrativa do evangelho de Marcos é preservada e adaptada em novas organizações narrativas. Isto significa que cada evangelho contém uma estratégia narrativa, fruto de uma intencionalidade do seu autor tendo em vista as motivações da sua comunidade leitora.

Um modo de observar esse procedimento é comparar as diversas passagens igualmente presentes nos três evangelhos a fim de observar as distintas estratégias, como, por exemplo: a narrativa do cego de Jericó.

O cego de Jericó		
Mateus 20:29-34	Marcos 10:46-52	Lucas 18:35-43

Outra maneira de observar isso é tentando recompor a mesma narrativa utilizando os elementos de todas elas a fim de construir uma única narrativa. Ao se comparar as três versões da história e reagrupá-las em

uma única narrativa, admite-se que Mateus e Lucas reinterpretaram o texto que é lido por Marcos, reescrevendo uma narrativa já modelada por Marcos, inserindo nela os próprios pontos de vista. Entre Marcos, Mateus e Lucas circula a mesma história, mas a forma de conta-la desde o texto-fonte é parcialmente destruída e modelada pelas narrativas particulares a cada um deles.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O objetivo deste artigo foi conduzir ao desenvolvimento de uma atitude hermenêutica para com os Evangelhos sinóticos que os considere como uma composição narrativa. Se bem sucedido, aumentará a curiosidade e interesse pela maneira como é possível interpretar os textos sinóticos narrativamente. Pois é não somente possível, como absolutamente necessário, que se faça a leitura narrativa dos Evangelhos sinóticos, de modo a alcançar o pleno sentido da vida narrada de Jesus Cristo. Desse modo, estaremos prontos para darmos o passo seguinte: aprendermos a fazer a leitura narrativa dos Evangelhos sinóticos.

## REFERÊNCIAS

- ALEMANY, José J. Narrar la fé. In: *Razón y fé*, 205, 1985, p. 601-607.
- BENJAMIN, Walter. O narrador. In: *Obras escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 197-221.
- BROWN, Raymond. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 2004.
- DELORME, J. In: AUNEAU, J. et al. *Evangelhos sinóticos e Atos dos apóstolos*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1985.
- FERNANDES, Adriana H. A narrativa no pensamento de Walter Benjamin. In: *Cultura Vozes*, vol. 3, 2003, p. 5-14.
- JUNIOR, Benjamim Abdala. *Introdução à análise da narrativa*. São Paulo: Scipione, 1995.
- MACHADO, Irene A. *Literatura e redação*. São Paulo: Scipione, 1994.
- MARGUERAT, Daniel; BOURQUIN, Yvan. *Para ler as narrativas bíblicas*. São Paulo: Loyola, 2009.
- POWELL, Mark Allan. *What is narrative criticism*. Minneapolis: Fortress Press, 1990.
- REUTER, Yves. *A análise da narrativa*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.
- VIELHAUER, Philipp. *História da literatura cristã primitiva*. Santo André: Academia Cristã, 2005.
- WEINRICH, Harald. Teologia narrativa. In: *Concilium*, 85, 1975, p. 569-592.